Gabriel Crispim de Barros

# A IDADE MÉDIA E A LITERATURA DE CAVALARIA ATRAVÉS DE NUNO ÁLVARES PEREIRA

Gabriel Crispim de Barros

# A IDADE MÉDIA E A LITERATURA DE CAVALARIA ATRAVÉS DE NUNO ÁLVARES PEREIRA

Barros, Gabriel Crispim de.

A Idade Média e a literatura de cavalaria através de Nuno Álvares Pereira / Gabriel Crispim de Barros. – São Luís, 2024.

52f.; il.

Produto Educacional da Dissertação “Entre a cavalaria e a santidade (Portugal - século XV): Nuno Álvares Pereira, um herói medieval no ensino de História”.

Orientação da Profª. Drª. Adriana Maria de Souza Zierer.

1. Ensino de História. 2. Nuno Álvares Pereira. 3. Literatura de Cavalaria. 4. Galaaz. 5. Idade Média em Portugal. I.Título.

CDU 821.134.3”04/14”(072)

**Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837**

# Sumário


Olá Estudante ..... 3
Olá Professor ..... 4
Conheça melhor o seu paradidático ..... 5

**Capítulo 1 - A Idade Média** ..... 7
O que é a Idade Média? ..... 7
Como era a mentalidade medieval? ..... 8
O Feudalismo ..... 10
Como era a divisão da sociedade medieval? ..... 13
O que o medievo nos deixou? ..... 16
Hora de testar os conhecimentos! ..... 18

**Capítulo 2 - Os cavaleiros** ..... 21
O que são os cavaleiros? ..... 21
O que é a chamada guerra justa? E qual sua relação com a cavalaria? ..... 23
Do que se trata a Literatura de Cavalaria? ..... 26
Hora de testar os conhecimentos! ..... 30

**Capítulo 3 - A Idade Média em Portugal e Nuno Álvares Pereira** ..... 32
Origem do Reino de Portugal ..... 32
O Movimentos de Avis ..... 35
Nuno Álvares Pereira ..... 40
Hora de testar os conhecimentos! ..... 45

Conclusão ..... 49
Referência ..... 50

Olá estudante,

Você já parou para pensar no passado? Como as pessoas de antigamente viviam e viam o mundo e como isso nos influencia hoje em dia? Então, que tal explorarmos juntos o período medieval? A Idade Média foi uma época riquíssima que alimenta a imaginação das pessoas até a atualidade através das histórias de cavaleiros em armaduras brilhantes carregando espadas.

Mas como as pessoas daquela época viviam? O que pensavam? O que da Idade Média temos no dia a dia? Esse material foi criado justamente para auxiliar tais indagações que tenho desde meus dias de estudante e que lhes entrego para vocês se aventurarem. E nada mais justo que aprender sobre o medievo do que através de uma pessoa daquele período, o cavaleiro português Nuno Álvares Pereira! Afinal, por mais que o Brasil não tenha tido essa época, nós fomos diretamente influenciados pelo medievo que Portugal vivenciou.

Nuno Álvares Pereira foi um nobre que viveu entre o século XIV e XV que desde pequeno lia histórias e poemas sobre cavaleiros em aventuras e desejava ser como um, principalmente tendo uma intensa devoção religiosa como sua inspiração, o cavaleiro Galaaz dos contos do Rei Artur, assim buscando ser imbatível em combate como ele... Parece algo difícil de se fazer, mas Nuno Álvares Pereira realmente conseguiu! Ao crescer se tornou um exímio cavaleiro que lutou em nome do reino de Portugal no Movimento de Avis, e nunca perdeu nenhuma batalha que travou. Além disso por sua dedicação a fé cristã até mesmo foi canonizado santo nos dias de hoje!

Todo esse material foi feito com muito carinho e dedicação, sendo criado com o esforço de várias pessoas envolvidas. Então, embarque em uma aventura para conhecermos mais sobre esse período de nossa História, atravessando o medievo, descobrindo sobre a cavalaria e suas narrativas, tudo isso ao lado de um cavaleiro medieval português que além de liderar batalhas importantes, chegou até os dias de hoje como um santo.

O Autor

Olá professor (a),

Apresento-lhe um material didático desenvolvido para ajudar seus alunos no aprendizado do período medieval. Pense como um paradidático criado especialmente para reforçar o conteúdo de História a respeito do medievo. Não é um substituto do que se é normalmente exposto em sala de aula, mas um complemento do que os estudantes podem aprender através da dinâmica escolar e do livro didático.

Percebe-se cada vez mais um distanciamento do que é aprendido nas universidades com a realidade do ensino nas escolas e esse é um pequeno, mas importante passo para ocorrer essa aproximação. A disciplina de História vem cada vez mais perdendo espaço no ambiente escola e os estudos sobre a Idade Média têm sua importância questionada constantemente no repertório didático brasileiro.

Assim, foi percebido a necessidade de mostrar a importância desse período histórico para a realidade brasileira e como a História é necessária para a compreensão do presente. Tendo em vista que o livro didático reforça principalmente o medievo de nações como França ou Inglaterra, a proposta desse material didático é apresentar aos estudantes não apenas a Idade Média, mas também o período em Portugal, tendo em vista que o Brasil acabou sendo influenciado diretamente pelas medievalidades lusitanas.

Pensando em uma forma dinâmica e reflexiva desse conhecimento ser transmitida aos estudantes foi desenvolvido esse produto didático, focando especialmente em apresentar essa época, apresentando o medievo português e um cavaleiro do período. Por isso, esperamos que não apenas seus alunos apreciem, mas também que vocês professores embarquem nessa viagem ao lado deles.

O Autor

# Conheça melhor o seu paradidático

Ao longo das próximas páginas você encontrará vários quadrados informativos como complemento do conteúdo, guardando diversos fatos interessantes a respeito do medievo.

**Você sabia???**

Apresenta uma curiosidade sobre a temática medieval .

**Saiba mais! +**

Aprofundar os conhecimentos do estudante.

**Glossário**

Explica uma palavra ou termo utilizado no paradidático.

**Explicando mais!**

Adiciona mais informação para completar o que é dito na página.

**E hoje em dia?**

Mostrar como o conteúdo impacta a atualidade e o cotidiano do leitor.

**Para refletir!**

Aborda a temática para uma reflexão a respeito do que é exposto e que sobre o que normalmente é consumido a respeito do medievo.

**Leitura medieval**

Apresenta uma obra do período medieval ao leitor com uma breve sinopse e a importância do texto para a compreensão do que é exposto.

**Posso aprender com filme?**

Recomendação de um filme a respeito do medievo, para refletir sobre a época e também como ela é representada na atualidade pela mídia.

**Se aprofundando nos estudos**

Mostra uma obra acadêmica a respeito da temática do capítulo, caso ele tenha interesse em saber mais sobre o assunto.

# INTRODUÇÃO

Esse produto educacional foi elaborado para se aprofundar no período medieval, especialmente discutir os conceitos de cavalaria da época e como foi o Medievo no território português. Para isso, foi pensando em apresentar tais conteúdos se focando em uma determinada figura da época, o cavaleiro português Nuno Álvares Pereira, o condestável. Trata-se de um comandante militar que participou do chamado Movimento de Avis, ou Crise dinástica de 1383–1385, um acontecimento histórico medieval que ocorreu na Península Ibérica entre os reinos de Portugal e Castela.

Por sua forte religiosidade e por nunca ter perdido uma batalha Nuno Álvares Pereira foi atribuído a realização de milagres, assim, considerado santo após a sua morte, apesar de ser canonizado somente no século XXI. Dessa forma, temos um cavaleiro medieval português que foi santificado na atualidade, demonstrando as reminiscências históricas que existem entre o passado e o presente. Outro fator fundamental para o Condestável era a documentação descrever seu interesse por obras literárias cavaleirescas, se inspirando em um cavaleiro fictício, Galaaz (Galahad) das narrativas do Rei Artur, como um modelo de comportamento, com ambos sendo descritos de formas semelhantes nos manuscritos da época. Com isso, demonstrando também uma relação interdisciplinar que existe entre a História e a Literatura.

Portanto, como forma de apresentar a figura de Nuno Álvares Pereira, que geralmente não é um personagem histórico medieval amplamente conhecido no contexto brasileiro, resolvemos passar por três capítulos para compreender a sua figura. Nesse sentido, primeiramente se focando na Idade Média no geral, apresentando como era a população, economia e pensamento da época. Após isso, se concentrando nos cavaleiros, discutindo sua formação, como se comportavam, seu papel na sociedade do período e como se constituía as obras literárias cavaleirescas que influenciaram a compreensão de cavalaria que temos até hoje no imaginário.

Por fim, passando pela Idade Média especialmente no território lusitano, sendo colocado a formação do Reino de Portugal, os acontecimentos do Movimento de Avis e se concentrando em Nuno Álvares Pereira que é a culminação dos tópicos anteriores apresentados. Vale ressaltar que o objetivo desse material é apenas complementar assuntos discutidos anteriormente em sala de aula, portanto, não é substituto do conteúdo de Idade Média na escola, mas um auxílio para entender mais sobre essa época.

# CAPÍTULO I – A IDADE MÉDIA

## O que é a Idade Média?

A Idade Média foi um período histórico que até nos dias hoje instiga nossa imaginação e exerce influência na atualidade, mas antes de mais nada, o que exatamenteela é? Já ouviu falar ou lembra-se já estudou sobre? Chamada também de medievo ou período medieval, a Idade Média não perdurou por somente cinquenta, cem ou trezentos anos, durou muito mais tempo, pelo menos mil anos. Portanto, trata-se do recorte histórico, em suma, a divisão temporal, os historiadores classificam que se inicia após a desagregação do Império Romano Ocidental por volta do ano 467 e é convenientemente colocado o seu fim em 1492 com a expulsão dos mouros da Espanha, bem como a chegada dos europeus ao continente americano.

LORENZETTI, Ambrogio – “Os efeitos do bom governo na cidade”

Você consegue ter noção da quantidade de tempo que a Idade Média durou? Pelo menos mil! Em um período tão longo, é difícil imagina que o modo devida das pessoas e como elas pensavam simplesmente não mudaram depois de todo esse tempo. Então, percebe-se que mesmo no medievo existiram vários hábitos, costumes, tradições, ideias e identidades que mudaram durante esses tantos séculos. Uma pessoa do início do período medieval no século V não vivia como alguém do final durante o século XV, é como se existissem várias “Idade Médias”. Então, como forma de melhor separar didaticamente, os estudiosos normalmente a dividem em Alta Idade Média (Século V ao X) e Baixa Idade Média (Século X ao XV).

Você sabia?

“Por que o nome Idade Média?”

Se falássemos hoje em dia para pessoas do medievo e falássemos que estamos na “Idade Média”, eles não teriam ideia do que estamos nos referindo. Como todas as outras pessoas de outros tempos, os medievais se viam em sua própria contemporaneidade. Foram pessoas que viveram depois desse período que rotularam esse nome, especificamente no século XVI de forma preconceituosa para remeter uma transição, ou seja, seria a sucessão de séculos que atuam como intermédio entre a Antiguidade e a chamada Modernidade que eles próprios falavam que começava no século XVI. Ou seja, esse nome nasceu com forte teor pejorativo, como se fosse uma época de decadência que fica entre duas eras de luz e glória, sendo uma perspectiva altamente idealizada e errônea que o Medievo seria um tempo obscuro e de atraso. O que você acharia se falassem assim sobre a nossa época no futuro?

## Como era a mentalidade medieval?

Você já parou para pensar como os homens e mulheres da época medieval pensavam? Como funcionava sua mente? O seu psicológico? É difícil, para nós que estamos temporalmente distantes, compreender de fato o que esses seres humanos pensavam. Para os medievais, não existia uma fronteira entre o visível e o invisível no sentido espiritual. O visível era apenas parte do invisível, e não havia uma divisão clara entre o mundo natural e o sobrenatural. Além disso, o inferno ou o paraíso eram considerados eventualidades.

Segundo o historiador Umberto Eco, as pessoas da Idade Média interpretavam o mundo como uma espécie de floresta perigosa e, ao mesmo tempo, cheia de revelações extraordinárias. O universo estava repleto de significados, e a natureza constantemente se expressava de forma simbólica. Para um medieval, uma planta não era apenas uma planta, assim como um animal não era somente um animal. Um ser fantástico, como um hipogrifo (consulte o glossário na página 10 para saber mais), era tão real quanto qualquer outro, pois todos eram vistos como sinais. O mundo inteiro era considerado uma obra escrita por Deus, uma verdade superior e inegável diante da insignificância da existência humana.

Portanto, o cristianismo e a Igreja no medievo desempenhavam um papel fundamental na mentalidade da sociedade, moldando a própria interpre-

Em suma, a divindade superior cristã, para os medievais, muitas vezes não falava diretamente, mas por meio de símbolos que deveriam ser interpretados no mundo natural, como se o universo em si falasse, e o homem medieval estivesse disposto a escutar sua palavra.

Apesar disso, não podemos afirmar que, ao longo dos mil anos que compõem a Idade Média, todos pensavam da mesma forma. Houve diversas mudanças no pensamento ao longo do tempo. Por exemplo, entre os séculos XII e XIII, pelo menos nas universidades, pouco a pouco se abria espaço para explicações mais naturalistas das coisas.

Saiba mais! ✚

Os medievais e a arte

A noção de beleza e arte varia de acordo com a espacialidade, cultura e tempo histórico em que a pessoa está inserida, e esses conceitos podem estar relacionados de formas diferentes, seja juntos ou separados. Na Idade Média, a beleza era interpretada como uma propriedade da natureza, do mundo, e principalmente de Deus, considerado responsável por toda a Criação. Já a arte estava mais ligada à técnica, relacionada à capacidade de fazer certos objetos ou construções segundo determinadas regras.

Por exemplo, a construção de um navio era considerada uma arte tanto quanto uma pintura, podendo ser vista como bela caso desempenhasse devidamente a função para a qual foi projetada. Essas noções foram se modificando gradualmente ao longo dos séculos do período medieval, mas, de forma geral, as artes no medievo podiam ser divididas em duas categorias: as artes liberais, como a retórica e a poesia, e as artes servis, nas quais se utilizavam as mãos, como a pintura e a escultura.

Glossário

Hipogrifo: Trata-se de uma criatura lendária medieval e que aparece no poema Orlando Furioso de Ludovico Ariosto, sendo um ser fantástico metade águia e metade cavalo.

Um grifo, detalhe de uma gravura de Wenceslas Hollar, século XVII

# O Feudalismo

É estranho para pessoas hoje em dia da cidade que convivem constantemente no meio urbano pensar no campo possuindo mais importância que a cidade, mas saiba que houve períodos históricos nos quais o ambiente rural teve mais importância que os centros urbanos, como é o caso da Idade Média. O medievo se constituiu majoritariamente na como uma sociedade agrícola pelo fato de essa atividade envolver a maior parte da população. Além disso, quase todos, diretamente ou indiretamente, também acabavam vivendo em função dela.

No período medieval encontrava-se o chamado Feudalismo, uma estrutura social, econômica e política que se estabeleceu gradualmente na Europa após a desagregação do Império Romano Ocidental e do Império Carolíngio, sendo centrado na produção do setor primário, em suma, a agricultura. Por isso os estudiosos posteriormente deram o nome de Feudalismo para essa dinâmica, derivado de uma determinada porção de terra, um feudo.

Apesar disso, não significa que todas as outras atividades econômicas não existissem no medievo ou tivessem sua importância diminuída, como, por exemplo, o artesanato e o comércio. Dessa forma, apesar de ter uma economia majoritariamente agrária, a dinâmica do Feudalismo não se tratava apenas exclusivamente disso.

Diferente da Antiguidade greco-romana que se utilizava predominantemente de mão de obra escravizada, o elemento central do Feudalismo era o servo feudal, o camponês, era o principal responsável por trabalhar no senhorio, a porção de terra do senhor feudal, o nobre considerado possuinte daquele território. Os senhorios estavam divididos em três partes, todas trabalhadas especialmente pelos servos.

Mês de Junho (colheita) em Trés Riches *Heures du Duc de Berry* (Século XV)

A primeira parte era a chamada reserva senhorial, com 30 ou 40% da área total do senhorio, era cultivada em dias específicos da semana pelos servos em função de uma obrigação denominada como corvéia. Todo o resultado desse trabalho era para o senhor, sem qualquer tipo de pagamento financeiro para os servos.

A segunda parte eram os lotes (mansi) camponeses que ocupavam no conjunto de 40% a 50% do senhorio. Cada família de servos cultivava em seu lote, mas não apenas tirando sua subsistência através da sua plantação, mas também pagando ao senhor pelo usufruto da terra que pertencia a ele, sendo uma taxa fixa conhecida por censo.

O servo devia, ademais, uma parte do que produzia (talha), um pequeno valor anual para marcar sua condição de dependência (chevage), uma taxa para se casar com pessoa submetida a outro senhor (formariage), um presente ao senhor para poder transmitir o lote hereditariamente pata seu filho (mão-morta). Os servos também pagavam as chamadas banalidades, taxas para o uso de ferramentas que pertenciam ao senhor, como, por exemplo, o uso do moinho ou forno.

*Iluminura* em *Les très riches heures du duc de Berry* datado do século XV representando uma dinâmica agrícola recorrente do Feudalismo.

A terceira parte eram as terras comunais, formado de 20 ou 30% do senhorio, formadas por pastos e bosques que eram usadas tanto pelo senhor para a caça, uma atividade exclusiva dos nobres, enquanto, os servos a utilizavam também para a extração de madeira, pastagem de animais e coleta de frutos.

**Explicando mais!**

Vassalagem e Servidão

Existiam duas principais relações na dinâmica feudal:
A Vassalagem era entre dois nobres. Um nobre (vassalo) jurava para um outro nobre (suserano) com mais poder político e territorial que o seu para lhe conceder benefícios, muitas vezes terras, em troca o vassalo lhe prestaria um serviço, como força militar, ao mesmo tempo que o suserano também deveria garantir proteção militar aos seus vassalos.

A Servidão era entre um nobre e um servo. Era um acordo de serviços desigual no qual os servos recebiam uma pequena quantidade de território de seu senhor, em troca, deveriam trabalhar para ele e também uma série de outras obrigações, como parte de sua produção e o pagamento de impostos. Nessa relação, o senhor também deveria conceder proteção militar aos servos.

**Para refletir!**

Idade Média foi apenas na Europa?

Apesar de associarmos muito o medievo com a Europa, no mesmo período que podemos classificar como Idade Média, várias outras culturas de diversas regiões coexistiram, não apenas no continente europeu, mas em outros territórios também. Por exemplo, enquanto o Império Romano Ocidental havia se desagregado por volta do século V, o Império Romano Oriental continuou a prosperar por mais mil anos em Bizâncio. Ao mesmo tempo, a grande civilização árabe florescia de forma proeminente na região do Oriente Médio e do Norte da África, e até mesmo na Península Ibérica. Isso sem mencionar importantes civilizações do leste asiático como China e Japão!

## Como era a divisão da sociedade medieval?

A mais comum divisão social interpretada no que se refere ao Feudalismo é a trifuncional, na qual as estruturas fundamentais da sociedade na Idade Média eram divididas em três. Em suma, os oratores que compõe *"aqueles que rezam"*, constituindo-se do clero, os *bellatores* que significa *"aqueles que lutam"*; na qual faziam parte a nobreza, bem como *os laboratores "*aqueles que trabalham", embarcando os servos que na maioria das vezes atuavam como camponeses.

*"Clérigo, Guerreiro e Servo representando as três classes", ilustração da Escola Francesa de Li Livres dou Santé (século XIII), MS Sloane 2435, fólio 85, Biblioteca Britânica (Bridgeman Art Library).*

Esse conceito é primeiramente mencionado por um texto de um bispo francês chamado Adalberão de Laon que viveu por volta do século XI. Ele reconhece que os clérigos são aqueles com ligação com o mundo divino e detêm um forte poder na espiritualidade na Terra através da Igreja, portanto, o clero era formado por aqueles que deveriam rezar para afastar influências malignas e atrair favores de Deus.

Os nobres eram aqueles que possuíam terras e tinham a tarefa de proteger os outros dois grupos através das armas, atuando como guerreiros para lutar contra ameaças, como os infiéis (como eram referidos os muçulmanos) e os pagãos (aqueles que seguiam outras religiões). Por fim, havia os camponeses, responsáveis por trabalhar, principalmente como servos nas terras dos nobres feudais. A maior parte da população medieval fazia parte desse grupo, que cultivava e produzia os alimentos que sustentavam toda a sociedade.

Sob a ótica dos "oratores", o Feudalismo era visto como uma sociedade de ordens, dividida em grupos socialmente distintos e fixos, que deveriam funcionar em plena harmonia. É importante destacar a conotação religiosa desse sistema hierarquizado, no qual a elite clerical estabelecia essa divisão como uma ordem universal que deveria ser respeitada por todos, sendo considerada uma verdade divina. Assim, a desigualdade entre clero, camponeses e nobres não era negada, mas sim justificada por uma ideologia religiosa.

O clero, como representantes da Igreja, desempenhava um papel central por deter o monopólio do sagrado. Somente através desse grupo era possível aos homens se aproximarem de Deus. Na sociedade medieval, apenas o clero tinha a autoridade oficial de interpretar o mundo de forma correta, visto como um reflexo simbólico do mundo celestial, ou seja, da Cidade de Deus. Por isso, a Igreja na Idade Média exercia um forte controle sobre a conduta da população, elaborando códigos de comportamento moral e até mesmo valores culturais, sendo considerada uma autoridade máxima devido à sua proximidade com o divino.

As doações recebidas pela Igreja proporcionavam ao clero grandes riquezas e vastos domínios de terra, garantindo-lhes também grande poder político e econômico. Além disso, diferentemente dos camponeses e nobres, os clérigos seguiam o celibato, o que impedia que tivessem descendentes. Isso tinha uma vantagem e uma desvantagem: por um lado, impedia a divisão do patrimônio entre herdeiros, mas, por outro, obrigava o clero a buscar seus membros entre a nobreza.

Então, em vez de as propriedades serem passadas de pai para filho, o clero se expandia através da nobreza secundogênita. Isso pode ser difícil de entender, mas a regra da primogenitura estabelecia que as propriedades e riquezas do pai deveriam ser herdadas pelo filho mais velho. Assim, os filhos mais novos da nobreza conseguiam patrimônio ao ingressar no clero. Isso fazia com que a elite clerical e aristocrática estivesse intimamente ligada, pois muitos acabavam sendo parentes e compartilhando os mesmos interesses.

A nobreza era detentora de terras e responsável pela força militar, formada por famílias de longas linhagens que mantinham seu poder passando-o de geração para geração ao longo dos séculos. Portanto, os nobres feudais constituíam uma minoria populacional que transferia seu poder entre si, atuando como senhores de terra na dinâmica do Feudalismo. Parte da nobreza, o principal grupo responsável pelas questões bélicas, era composta pelos cavaleiros, que também se apossavam de lotes de terra e detinham significativo poder político. Nuno Álvares Pereira, uma figura histórica portuguesa do século XV, é um exemplo desse grupo, que será explorado mais adiante neste paradidático.

O principal trabalhador na dinâmica feudal era o servo, onde se encontrava a maior parte da população. Esses produtores eram dependentes e não tinham liberdade de locomoção social; não eram assalariados, mas também não eram efetivamente considerados propriedade de um senhor, como ocorria na escravidão. Assim como na linhagem dos nobres, a condição servil era transmitida hereditariamente. Um filho de um camponês se tornava, efetivamente, um camponês e assim sucessivamente. Dessa forma, apesar das três divisões — oratores, bellatores e laboratores —, existiam na prática duas camadas sociais: os detentores de terra e poder político, formados pelo clero e pela nobreza, e os despossuídos de terra e poder político, geralmente dependentes dos outros dois, formados pelos servos.

Vale ressaltar que o período medieval abrangeu mais de mil anos de história, e a sociedade passou por várias mudanças ao longo desses séculos, não sendo algo estático. Com o desenvolvimento urbano no século XIII, surgiram várias outras divisões sociais nas cidades, com ênfase particular nos mercadores, que, com o passar do tempo, ganharam cada vez mais espaço. Ao mesmo tempo, muitos aspectos do Feudalismo permaneceram na Europa após o medievo e chegaram à Modernidade, como na França, alguns anos antes da Revolução Francesa, e até mesmo na Rússia czarista.

# O que o medievo nos deixou?

É difícil pensar sobre isso, mas usufruímos de muitas coisas originárias da Idade Média nos dias de hoje. Embora pareça um tempo distante, sem qualquer relação com o nosso dia a dia, muitas das coisas daquela época são utilizadas na atualidade. Por exemplo, é durante o período medieval que as universidades são criadas, e nos centros urbanos surgem liberdades comunais, com um conceito de livre participação dos cidadãos em questões da cidade. Além disso, nos espaços urbanos também são estabelecidas várias dinâmicas de mercado, como o cheque e até mesmo o banco.

A utilização de energia eólica ou hidráulica através dos moinhos, embora tenha sido inventada no Oriente, foi na Idade Média que chegou ao Ocidente e foi aperfeiçoada. Também é importante destacar que herdamos o conceito de hospital do medievo e, na área da medicina, temos as primeiras dissecções anatômicas de corpos humanos, que posteriormente originariam a prática cirúrgica moderna. O hábito de se comer sentado à mesa também surge no medievo, assim como a utilização do garfo para se alimentar.

Além disso, várias outras invenções medievais, como calças, cartas de jogos, cuecas, papel, camisas, nomes das notas musicais, luvas, chaminés, algarismos árabes, botões, gavetas e o xadrez, também se originaram nesse período. Com o avanço do estudo da ótica, foram criados os óculos, que permitiram a milhões de pessoas com problemas de visão, especialmente na velhice, enxergar de forma mais satisfatória. É no final da Idade Média que temos o surgimento da pólvora no Ocidente, utilizada para fins bélicos, mudando de forma definitiva a maneira como as batalhas eram travadas, com o uso de armas de fogo. Já pensou como seria o mundo hoje sem essas contribuições do período medieval?

## Para refletir!

E hoje em dia? Medievalismo e Neomedievalismo

Hoje em dia, consumimos muitos tipos de coisas que têm relação com a Idade Média, desde séries como “Game of Thrones” e filmes como “Senhor dos Anéis” até jogos de tabuleiro como “Dungeons and Dragons” e novelas como “Deus Salve o Rei”. Uma imagem fantástica ou idealizada da Idade Média não é algo exclusivo de hoje; podemos traçar essa representação em vários períodos históricos, como no movimento do Romantismo no final do século XVIII, geralmente ligado a interesses nacionalistas que buscavam alterar o presente através do passado.

Atualmente, o medievalismo refere-se à utilização de elementos considerados medievais pelo grande público, que são retraduções e reapropriações que não refletem de forma efetiva a época, mas tentam transmitir uma imagem de autenticidade histórica. Um exemplo disso é o filme "O Nome da Rosa" de 1986. Por outro lado, o Neomedievalismo se apropria de elementos considerados medievais, mas sem buscar um compromisso histórico, muitas vezes abraçando o lado fantasioso para criar algo novo, como na série "The Witcher" de 2019.

## Você sabia???

Uma importante obra literária escrita pelo florentino Dante Alighieri durante o século XIV, sendo um poema épico italiano que mostra a jornada do autor como personagem, o próprio Dante, atravessando o Inferno, Purgatório e Paraíso. O seu conteúdo a auxilia em entender o pensamento medieval da visão de mundo tanto no sentido teológico quanto político.

## Posso aprender com filme?

O Nome da Rosa:

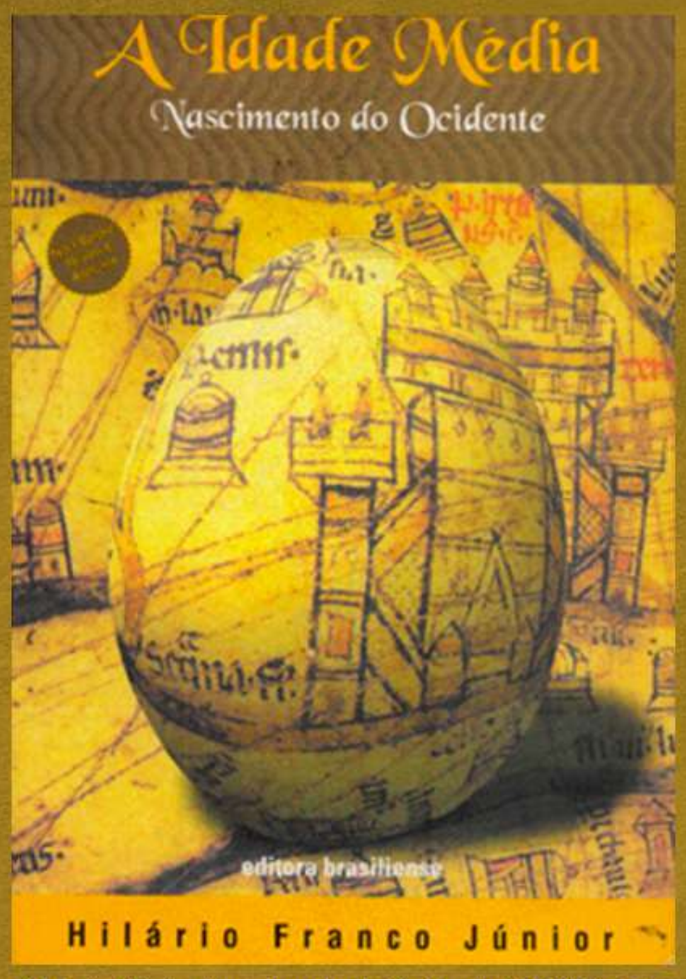
Trata-se de uma adaptação cinematográfica de 1986 do livro do historiador e escritor italiano Umberto Eco, dirigida por Jean-Jacques Annaud. Ambientado na Idade Média, durante o século XIV, a trama gira em torno do franciscano William de Baskerville (Sean Connery) e do jovem noviço Adso (Christian Slater), que investigam uma série de mortes misteriosas em um mosteiro isolado na Itália. O filme pode auxiliar na compreensão da dinâmica clerical, mas é importante lembrar que se trata de uma obra de ficção e não necessariamente corresponde à realidade histórica da época.

O Nome da Rosa, 17 de outubro de 1986 (Itália)

## Se aprofundando nos estudos

Caso você tenha interesse em aprender mais sobre o período medieval, além do conteúdo apresentado, recomendamos a obra "A Idade Média: Nascimento do Ocidente", do historiador brasileiro Hilário Franco Júnior, publicada em 1986 pela editora Brasiliense.

Essa obra se aprofunda nos conceitos relacionados à Idade Média, servindo como uma introdução ao período e explorando aspectos econômicos, demográficos, políticos, sociais, religiosos, mentais e culturais do Medievo.




*A Idade Média, Nascimento do Ocidente* (1986) por Hilário Franco Júnior, editora brasilense.

## Hora de testar os conhecimentos!

1°) Considerando os conhecimentos a respeito da Idade Média transmitidos através desse paradidático, atribua abaixo V para uma sentença se ela for verdadeira ou F caso ela seja falsa.

(  ) Na dinâmica do Feudalismo no período medieval os cavaleiros eram membros da nobreza, parte dos bellatores, que efetivamente detinham o poder militar e cuja a função era proteger as outras duas camadas sociais, os oratores e os laboratores, por exemplo, contra invasores, sendo também muitas vezes senhores de terra.
(  ) Durante a maior parte do período medieval o clero possuía um forte poder político e devido a lei da primogenitura eles conseguiam passar patrimônios, riquezas e terras para seus filhos mais velhos, assim, expandindo o poder da Igreja completamente hereditariamente sem participação da nobreza ou dos camponeses.
(  ) A Servidão era uma dinâmica nas relações do Feudalismo formada entre um servo e um nobre, sendo um acordo de serviços desigual que favorecia mais o senhor. Enquanto, a Vassalagem era um compromisso mais igualitário por ser entre dois nobres, na qual o Vassalo recorria a um outro nobre com maior poder político, o Suserano.

A) V, V e F.  B) V, F e V  C) F, F e V  D) F, V e V  E) F, V e F

2º) Existem conceitos do medievo em destaque ao longo do paradidático que são seis palavras-chave para completar esse caça-palavras, **Clero, Nobreza, Camponeses, Igreja, Cavaleiros** e **Feudalismo**, ache todas.

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| C | A | V | A | L | E | I | R | O | S | Z | S |
| K | M | N | O | B | R | E | Z | A | J | A | F |
| D | T | T | I | P | O | N | C | B | V | P | E |
| L | Z | L | G | Y | Y | D | A | R | G | N | U |
| S | Y | E | R | V | N | J | M | S | Y | W | D |
| J | V | C | E | C | F | J | P | B | Q | B | A |
| M | I | L | J | I | P | O | O | T | K | E | L |
| L | R | E | A | S | L | N | N | S | S | K | I |
| P | C | R | J | H | L | N | E | C | L | Q | S |
| T | Q | O | F | W | A | A | S | Z | M | E | M |
| K | B | O | X | S | B | K | E | T | B | Z | O |
| N | H | M | I | X | W | K | S | H | L | E | S |

3º) Complete as palavras com conceitos e palavras que foram abordadas sobre Idade Média ao longo do paradidático de modo que consigam fazer sentido com cada coluna e o número de quadradinhos a ser preenchido com letras.

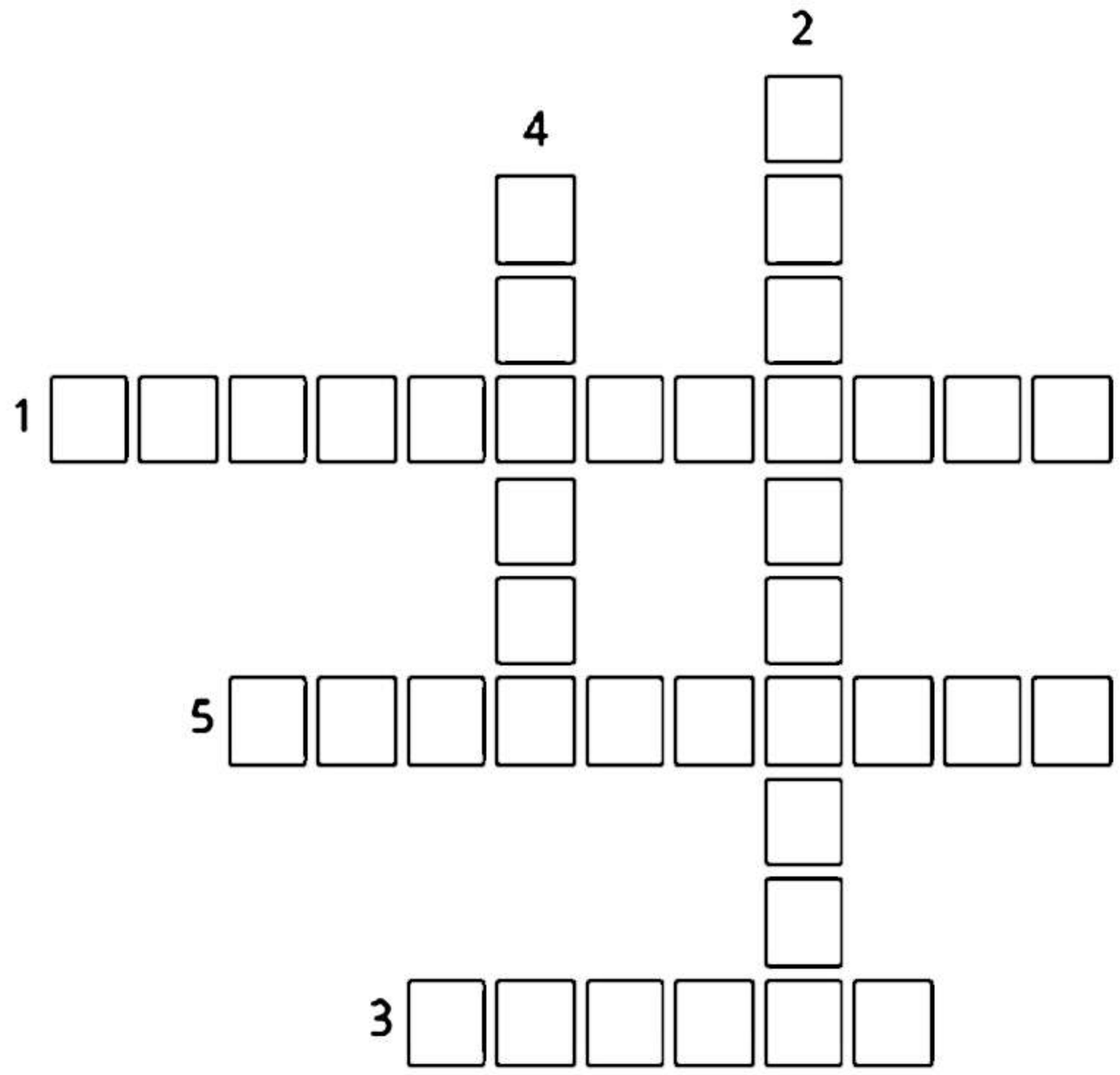
1 - Uma instituição educacional que surgiu na Idade Media

2 - Uma dinâmica socio- ecônimica medieval

3 - Uma invenção medieval muito importante

4 - Uma instituição religiosa muito importante no medievo

5 - Parte da nobreza, bellatores, como força militar



# CAPÍTULO II – OS CAVALEIROS

## O que são os cavaleiros?

Quando se pensa em Idade Média, uma das primeiras coisas que associamos a esse período são as figuras dos cavaleiros. Construiu-se a imagem de guerreiros montados a cavalo e usando armaduras prontos para defender donzelas indefesas. Mas o quanto disso é real? Por que hoje em dia pensamos nisso quando imaginamos cavaleiros? O conceito de cavalaria é bem mais complexo do que se parece afinal, eles eram bem mais que apenas soldados com armadura a cavalo.  A ideia de cavaleiro não existia somente sob o aspecto militar, mas também no social, religioso e ideológico da sociedade medieval.

Como foi discutido anteriormente, a sociedade da Idade Média era idealmente, segundo o pensamento dos oratores, organizada de forma trifuncional. Nesse sentido, os cavaleiros eram um pilar importante nessa trindade, os bellatores, ou seja, aqueles que combatem. Então todos que lutavam nessa época poderiam virar cavaleiros? Não é bem assim. Cavalaria estava associada diretamente à nobreza, ou seja, apenas nobres poderiam virar cavaleiros, e apenas homens.

Como foi discutido anteriormente, a sociedade da Idade Média era idealmente, segundo o pensamento dos oratores, organizada de forma trifuncional. Nesse sentido, os cavaleiros eram um pilar importante nessa trindade, os bellatores, ou seja, aqueles que combatem. Então todos que lutavam nessa época poderiam virar cavaleiros? Não é bem assim. Cavalaria estava associada diretamente a nobreza, ou seja, apenas nobres poderiam virar cavaleiros, e também apenas homens.

Nessa ideologia do período, o cavaleiro possuía a função sagrada de proteger pelas armas as outras duas classes sociais, aqueles que rezam e aqueles que trabalham. Assim, supostamente, a cavalaria deveria demonstrar um dever moral acima do que seria uma simples força militar, mas uma função ordenada pelo divino. Porém, as coisas nem sempre são da forma que parecem, muitos cavaleiros não se comportavam desse modo, e a figura do cavaleiro não se desenvolveu de um dia para o outro do jeito que conhecemos hoje através de histórias, filmes, contos e séries.

A Idade Média é um período de mil anos, o que chamamos de cavaleiros não foi sempre como é representado, e, às vezes, o que era escrito nas histórias não corresponde à realidade histórica. Não que a ficção não tenha um papel a desempenhar nisso tudo, longe disso. Através de histórias e narrativas cavaleirescas, por exemplo, as lendas do Rei Artur e seus Cavaleiros da Távola (consulte o glossário na página 28 para saber mais) Redonda, a chamada Matéria da Bretanha (consulte o glossário na página 28 para saber mais) ou Ciclo Arturiano, gradualmente os ideais de cavalaria foram sendo formadas.

Apesar de apenas nobres poderem ser cavaleiros, eles inicialmente possuíam uma origem humilde como uma força de combate subordinados da nobreza durante os primórdios da Idade Média. O que seria o início do que mais tarde conheceríamos como cavaleiros. Isso porque, gradativamente, acabaram recebendo terras e adquirindo mais poderes políticos, como domínio sobre os camponeses. Então, o estilo de vida da cavalaria passou a imitar o da velha nobreza a quem servia. Isso se deve principalmente à superioridade da técnica de combate a cavalo que acabava aumentado o prestígio e o poder dos cavaleiros mediante a sociedade. Por fim, o título de miles (cavaleiro) foi-se enobrecendo com apoio da Igreja e, desta forma, em fins do século XII na França, nobres e cavaleiros foram se casando e desapareceram as nítidas diferenças entre os dois.

## Você sabia?

"Artur originalmente não era um rei?"

É discutível se ele existiu ou não, mas a primeira menção direta a Artur foi na obra História dos Bretões atribuída ao monge galês Nênio e escrita no século IX. Nesse documento Artur não era um monarca ou possuía uma espada mágica chamada Excalibur como associamos a sua figura na atualidade, mas um dux bellourum, um chefe de guerra romano-celta, que combatia os saxões (consulte o glossário na página 28 para saber mais) e protegia os bretões, possuindo um escudo com a gravura da Virgem da Maria. Foi apenas em Bretanha de Godofredo de Monmouth no século XII, que ele passou a ser colocado como Rei Artur que conhecemos hoje em dia, sendo um processo gradual de transformação.

Rei Artur em "*Christian Heroes Tapestry*" datado aproximadamente de 1385.

# O que é a chamada guerra justa? E qual sua relação com a cavalaria?

E as histórias que vemos sobre cavaleiros protegendo os mais fracos e oprimidos? Essas histórias são derivadas do fato da necessidade de se "controlar" os cavaleiros, especialmente a violência e pilhagens que eles poderiam praticar tendo em vista que eram aqueles que utilizavam armas em armaduras, em contraponto a maior parte da sociedade não.

Ocorreram sucessíveis invasões e guerras internas na Europa durante os séculos IX e X, criando-se a necessidade de guerreiros para proteger, por exemplo, os clérigos que eram vítimas de pilhagens nos monastérios. Mas isso acaba criando uma contradição, não? Afinal os preceitos da religião cristã deveriam se afastar da violência em favor do amor ao próximo.

Para resolver essa questão gradualmente foi se criando o conceito de "guerra justa" pelos clérigos para definir os limites entre piedade e violência praticadas pelos cavaleiros. Assim, a violência era justificada se tiverem como objetivo o restabelecimento da paz rompida por culpa de um inimigo, a recuperação de terras ou bens espoliados, a punição dos culpados; mas é importante destacar que essas “guerras justas” deveriam ser empreendidas sem espírito de vingança nem esperança de lucros, e sim unicamente por iniciativa de uma autoridade legítima.

Apesar disso, historicamente, os cavaleiros possuíam tendência de praticar constantemente as "guerras injustas", ou seja, conflitos que quebram a paz, atacam e pilham, empreendidas sem aprovação de um poder legítimo, em suma, roubos ou pilhagens. A Igreja era uma das principais vítimas desses acontecimentos, principalmente durante guerras internas feudais, e tentava constantemente controlar essa violência que ocorria mesmo em um período sem guerras ou invasões.

Através disso por volta do século X foi formado o conceito de "Paz de Deus" que buscou obter dos cavaleiros um juramento solene sob pena de excomunhão, perjúrio e outras punições caso praticassem violência contra igrejas, membros do clero, e todos aqueles que não poderiam se defender por não portarem armas. Foi depois constituído também a chamada "Trégua de Deus", visando restringir ainda a violência dos cavaleiros, por exemplo, proibindo o uso de armas em certos dias específicos da semana.

## Leitura medieval

*O Livro da Ordem de Cavalaria:*

*O Livro da Ordem de Cavalaria* foi escrito pelo filósofo catalão Raimundo Lúlio (ou Ramon Llull) durante o século XIII, a obra tem como objetivo instruir os jovens que pretendiam tornar-se cavaleiros. Na visão do autor a cavalaria havia se perdido mediante a perjúrio, luxúria e outros pecados, e deveria se iluminar novamente. O livro serve como um manual pedagógico e coloca valores de ordem espiritual, moral e éticos relacionado aos valores cristãos, e como a missão divina dos cavaleiros deveria ser acima de tudo pacificar os homens, manter e defender o cristianismo, bem como vencer os chamados
infiéis.

Edição moderna de *O Livro da Ordem de Cavalaria* de Ramon Llull traduzido por Ricardo da Costa em 2000. Capa realizada por Henry José Gedeon e Mariano Lisbôa. Publicado pela Editora Giordano.

## Para refletir!

As guerras justas fora da Idade Média

O conceito da chamada guerra justa não se limitou somente ao período medieval e aos cavaleiros, mas na posterioridade também temos sua utilização. Quantos grupos atacam outros em nome da sua religião hoje em dia? No Brasil durante o período da colonização o termo também podia ser empregado pelos europeus durante ataques contra povos indígenas. Então, não é algo limitado ao Medievo, mas que passou por ressignificações e tem consequências até a atualidade, bem como na história brasileira!

Durante o período das Cruzadas e da Reconquista, a Igreja sacralizou o combate contra os chamados "infiéis", assim o conceito de "guerra justa" ganhou um novo significado. A partir de então a figura do cavaleiro (miles) passa a ser um cavaleiro de Cristo (miles christi), que possuía o dever de lutar contra os muçulmanos em nome da religião cristã e teria seus pecados perdoados caso lutasse nessa empreitada, garantindo um lugar no Paraíso.

A cavalaria também ganha um papel importante com o surgimento das ordens militares de cavaleiros formadas para garantir a proteção de peregrinos, fracos e doentes, em direção à Terra Santa e dos territórios conquistados. Em suma, a dinâmica das Cruzadas permitiu a origem de ordens monástico-militares (ou religiosas-militares, religiosas-cavaleiresca), como Templários e Hospitalários, que podem ser consideradas a culminação das várias tentativas de pacificação dos clérigos em relação aos cavaleiros ao longo dos anos.

Assim, os séculos XIII e XIII são apontados como o auge da época da cavalaria durante o período medieval. Poetas, tratadistas, teólogos, escritores, cronistas e pintores constantemente nesse período se referiam aos cavaleiros, o esplendor de suas armaduras e as cerimônias para ingressar na cavalaria. Um grande fator que contribuiu para isso também, foi a Literatura de Cavalaria. Obras, como aquelas a respeito do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, passaram a ser escritas visando constituir características heroicas e idealizadas dos cavaleiros.

Os personagens dessas narrativas englobavam uma série de virtudes que deveriam ser almejadas na vida real, assim, constituindo-se como modelos de comportamentos para os cavaleiros. Até mesmo reis, como Ricardo Coração de Leão e São Luís da França, quiserem se tornar cavaleiros. E em Portugal, no final da Idade Média, temos o cavaleiro Nuno Álvares Pereira, um comandante militar histórico que, segundo a documentação, almejou ser como Galaaz, um dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Miniatura de David I da Escócia realizando uma cerimônia de cavalaria em um escudeiro (Datado do século XIV no manuscrito da *Bíblia de Hainburg*)

## Posso aprender com filme?

O Último Duelo: Trata-se de um filme de 2021 baseado no livro de mesmo nome do escritor norte-americano Eric Jager, dirigido por Ridley Scott. A história segue uma versão fictícia de um dos últimos julgamentos por combate que ocorreu na França em 1386 quando o escudeiro Jacques Le Gris (Adam Driver) é acusado de abusar da esposa de Jean de Carrouge (Matt Damon), um respeitado cavaleiro. Ela o denuncia e um duelo até a morte, coloca o destino dos três nas mãos de Deus.

*O Último Duelo* (The Last Duel), dirigido por Ridley Scott, distribuição por 20th Century Studios.

# Do que se trata a Literatura de Cavalaria?

E a visão que temos dos cavaleiros hoje em dia, como ela surgiu? Quando pensamos em cavaleiros geralmente temos em mente heróis em armaduras completas salvando donzelas em defesa, lutando contra dragões e protegendo os mais necessitados. Como foi comentado anteriormente, constantemente havia tentativas de disciplinar os cavaleiros na Idade Média e isso se refletia também no campo da Literatura da época. Através dos cavaleiros fictícios das narrativas, procurou-se constituir modelos de comportamento através das virtudes que eles representavam para os cavaleiros buscarem ter suas mesmas características.

O principal exemplo disso são as obras do chamado Ciclo Arturiano ou Matéria da Bretanha, centradas na figura do Rei Artur, um lendário monarca que possuía diversos cavaleiros a seu serviço, os chamados Cavaleiros da Távola Redonda. As primeiras obras eram centradas na figura do rei, mas posteriormente ele foi perdendo espaço para as aventuras dos seus cavaleiros. Através de tais personagens existia a tentativa de se criar através deles, modelos de comportamentos que deveriam ser imitados pelos cavaleiros. Em suma, criar uma série de condutas morais e religiosas que deveriam ser almejadas pela cavalaria na vida real. Um dos exemplos de tais cavaleiros era Lancelot, que conseguia realizar diversas façanhas de cavalaria, sendo cortês com os outros, protegendo os mais fracos, bem como demonstrando constantemente seu amor por sua amada donzela.

Uma das narrativas mais conhecidas e famosas envolvendo o Ciclo Arturiano é a procura pelo Santo Graal, ou Cálice Sagrado, a taça usada por Jesus Cristo na Santa Ceia e na qual foi coletado seu sangue durante a crucificação. Era uma relíquia sagrada símbolo da presença de Deus e na qual os Cavaleiros da Távola Redonda tinham a missão de alcançar através de diversas provações que testavam suas virtudes e vícios. Esse é o enredo da novela de cavalaria francesa A Demanda do Santo Graal, escrita por um autor anônimo no século XIII. Apenas os mais puros e dedicados conseguiram completar o desafio, sendo o principal desses o cavaleiro Galaaz (Ou Galahad) que era colocado como constantemente jejuando, orando e não querendo ter relações com nenhuma mulher, preferindo se dedicar a Deus e continuar casto, por isso, era abençoado e imbatível em combate, refletindo paralelos com Jesus Cristo ao ponto de conseguir realizar milagres, como curar um paralítico e exorcizar um demônio.

## Saiba mais!

### A Távola Redonda

Era uma famosa mesa nas narrativas arturianas na qual o Rei Artur se reunia com seus cavaleiros. Esse elemento apareceu pela primeira vez em 1155 no Roman de Brut escrito em língua normanda (consulte o glossário na página 28 para saber mais) por Robert Wace. A mesa lendária era redonda por simbolizar que seus membros eram todos iguais entre si, ou seja, não possuía cabeceira na qual em um formato retangular era reservado para o mais importante. O número de membros dos chamados Cavaleiros da Távola Redonda variava de história para história, com alguns contos colocando apenas treze e outros colocando até mais de duzentos. Dentre os mais famosos temos Lancelot, Gauvain, Mordred, Persival, Tristão e Galaaz

Visão do Santo Graal em manuscrito de *Lancelot em prosa* (1470)

## Explicando mais!

Existiam dois principais modelos de cavaleiros nas novelas de cavalaria arturianas:

**O Cavaleiro Cortês:** O cavaleiro que era imbatível em batalha por amor a sua donzela. Sua devoção a uma mulher, geralmente um caso proibido por ela ser casada com seu senhor, era a principal força motriz de suas ações como cavaleiro, completando missões e realizando façanhas em combate em favor do amor dela. O principal representante do Cavaleiro Cortês é Lancelot na obra do século XII intitulada O Cavaleiro da Carreta do clérigo francês Chrétien de Troyes movido pelo seu amor por Genevra, a esposa do Rei Artur, tendo um caso proibido com ela.

**O Cavaleiro Cristão:** O cavaleiro que era imbatível em batalha por sua devoção a religião cristã. Sua principal força vinha de suas virtudes, seguindo os principais preceitos do Cristianismo. Assim, nunca perdia uma batalha, pois era como se Deus interviesse em favor dele. As principais características que definem um Cavaleiro Cristão seriam a castidade, virgindade, a pureza tanto na alma quanto no corpo, está mais ligado ao espiritual que ao material, constantemente jejuando e orando. O principal representante é Galaaz da obra A Demanda do Santo Graal do século XII.

Glossário

**Távola:** Outro nome para mesa.

**Bretanha:** Conhecida também como Britânia, era o antigo nome da região das ilhas britânicas, principalmente durante o domínio romano. Os seus habitantes eram um povo de origem celta chamado Bretões.

**Saxões:** Povo de origem germânica que passou a dominar a região da Bretanha entre os séculos VI a IX obrigando os povos celtas da região, bretões, a se refugiarem no território atual do País de Gales.

**Normandos:** Um povo originário da Escandinávia que habitou a região do norte da França, passaram por um processo de cristianização e conquistaram as ilhas britânicas a partir do século XI.

Essa narrativa está inserida em um período em que a Igreja estava utilizando-se do Ciclo Arturiano como forma de ter fortalecimento político, em suma, caracterizando o protagonista da história, Galaaz, como um modelo ideal de cavaleiro segundo os princípios da fé cristã, e na qual os cavaleiros deveriam imitar seu comportamento. Essa novela de cavalaria vai fazer muito sucesso em Portugal durante a Idade Média, sendo traduzida para o português no mesmo século que foi escrita na França.

O rei português Dom Afonso III, inicialmente um conde da Bolonha, favoreceu uma enorme produção cultural no reino quando regressou da França, dentre eles as narrativas arturianas, como A Demanda do Santo Graal. Devido a uma ausência de uma tradição épica portuguesa anterior ao século XIV, a nobreza procurou nas novelas de cavalaria do Ciclo Arturiano modelos de heroísmo. E isso se perpetuou conforme o tempo, por exemplo, o cavaleiro Nuno Álvares Pereira, que se inspirou em Galaaz como um modelo de comportamento a ser seguido.

E hoje em dia?

As heranças medievais no cordel nordestino (Parte 1)

Narrativas como cavaleiros lutando contra dragões ou defendendo donzelas indefesas ainda está presente no dia a dia através de filmes, séries e jogos apresentado principalmente na mídia estrangeira. Entretanto, a Idade Média e seus cavaleiros também marcam uma forte presença na cultura popular brasileira, em especial, na região Nordeste através da Literatura de Cordel.

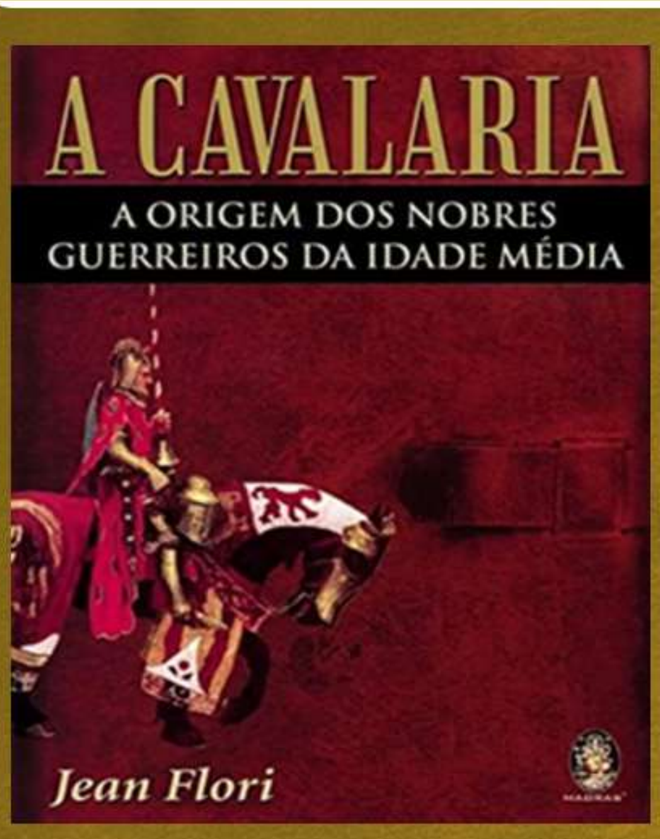
## E hoje em dia?

As heranças medievais no cordel nordestino (Parte 2)

Trata-se de folhetos populares geralmente ilustrados com xilogravuras que contêm rimas impressas de relatos inicialmente orais. A produção é herança da poesia do trovadorismo europeu da Idade Média e até mesmo os primeiros cordéis do nordeste traziam narrativas medievais famosas como as histórias de Carlos Magnos e os Doze Pares de França, parte da Literatura de Cavalaria tal como o Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda

Amostra da Literatura de Cordel na Feira de Santana na Bahia,
foto por Carlos Augusto e publicado no Jornal Grande Bahia (2009).

## Se aprofundando nos estudos




*A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média* de Jean Flori (2005), publicado no Brasil pela editora Madras.

Caso tenha interesse em aprender mais a respeito dos cavaleiros e da cavalaria no geral além do conteúdo apresentado, temos como recomendação a obra *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros* da Idade Média do estudioso francês Jean Flori com tradução por Eni Tenório dos Santos e publicado pela editora Madras. Se aprofunda nas origens da cavalaria, como era estabelecido seu papel na sociedade e na mentalidade medieval, como o ideal de cavaleiro foi constituído e as mudanças que passou até sua consolidação.

# Hora de testar os conhecimentos!

1°) Considerando o que foi abordado durante esse capítulo a respeito da Cavalaria, selecione a correspondência entre o termo e o conceito:

I. Guerra justa
II. Modelo de Cavaleiro Cortês
III. Modelo de Cavaleiro Cristão
IV. Ciclo Arturiano
V. Literatura de Cavalaria

(  ) Conjunto de narrativas que envolviam o Rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda, também chamado de Matéria da Bretanha
(  ) Cavaleiros literários, como Lancelot, que faziam de tudo por devoção a sua amada donzela, mesmo que ela fosse casada
(  ) Batalhas que eram legítimas pelo clérigo por terem como objetivo o restabelecimento da paz, recuperação de bens roubados e sem espírito de vingança ou esperança de lucro.
(  ) Cavaleiros literários, como Galaaz, que faziam de tudo por devoção a Deus, possuindo forte religiosidade e virtudes cristãs
(  ) Gênero literário do período medieval marcado pela presença de personagens cavaleirescos que atuaram como modelos de comportamentos para a nobreza da época.

2°) Complete o Jogo da Forca com base no que foi aprendido durante o capítulo e com base na dica concedida:

Um juramento solene que os cavaleiros deveriam obedecer sob pena de excomunhão, perjúrio e outras punições caso praticassem violência contra igrejas, membros do clero, e todos aqueles que não poderiam se defender.

_ _ _ _ _ _ _ _ S

| | | | |
|---|---|---|---|
| A | B | C | D |
| E | F | G | H |
| I | J | K | L |
| M | N | O | P |
| Q | R |  | T |
| U | V | W | X |
|  | Y | Z |  |

Regras: Utilize o desenho acima como base e acompanhe em uma folha de papel, caso erre seis vezes (Cabeça, Tronco, Braço Direito, Braço Esquerdo, Perna Esquerda e Perna Direita) é considerado Forca. A primeira dica é que a letra S existe no termo procurado e é apenas usado uma vez nas palavras, como é demarcado acima.

Tirinha do quadrinista Thales Gaspari (2020)

3º) A respeito da tirinha acima e os conteúdos discutidos ao longo do capítulo a respeito da cavalaria, avalie as alternativas:

I. A tirinha denota o estereotipo dos cavaleiros da Idade Média como honrados, justos e prontos para salvar donzelas tipicamente encontrados na Literatura do período

II. A tirinha demonstra que cavaleiros medievais ainda existem no século XXI, mas não tem o reconhecimento que merecem na atualidade, pois a população se recusa a pagá-los.

III. A tirinha mostra como as armaduras de cavaleiros eram difíceis de serem vestidas e atrapalham a mobilidade, somente por isso passaram a não ser mais usadas na atualidade.

IV. A tirinha demonstra que a ideia de cavaleiro que se seguiu durante o Medievo como defensores dos fracos e oprimidos permaneceu no imaginário popular na atualidade.

Estão corretas apenas nas afirmações contidas na assertivas:

A) I, II e III  B) I, III e IV  C) II e III  D) I e IV  E) III e IV

# CAPÍTULO III – A IDADE MÉDIA DE PORTUGAL E NUNO ÁLVARES PEREIRA

## Origem do Reino de Portugal

Pouco se discute quando falamos de Idade Média a respeito da Península Ibérica, principalmente Portugal. Quando se pensa em Medievo geralmente veem na nossa mente logo França ou Inglaterra, principalmente devido aos inúmeros filmes e até mesmo trabalhos de estudiosos a respeito do período medieval nessas localidades. Entretanto, por mais que o Brasil não vivenciou a Idade Média de forma direta, muitas influências medievais vindouras de Portugal acabaram repercutindo na cultura do país, inclusive no Nordeste brasileiro.

Foi durante o Medievo, por exemplo, que temos a origem da língua portuguesa e o reino que posteriormente se tornaria o país Portugal. Apesar disso, pouco a respeito do período medieval luso é trabalhado geralmente em sala de aula. Mas esse paradidático busca amenizar a situação! Vamos abordar os aspectos a respeito das origens de Portugal e acontecimentos importantes históricos durante o Medievo, principalmente através de um cavaleiro luso (ver página 39), Nuno Álvares Pereira.

A Península Ibérica durante a Idade Média era ocupada por diversos reinos cristãos em disputa contra a dominação muçulmana vindoura do Norte da África, os mouros (ver página 39), era o período conhecido como a Reconquista (ver página 39) ou Cruzada Ibérica, e parte da região era um califado árabe e chamado de Al-Andalus. Nesse contexto, o rei Afonso VI de Leão e Castela (1065-1109) atraiu nobres franceses para a região como forma de combater os muçulmanos, dentre eles Henrique de Borgonha que por volta do ano 1099 foi confiado ao Condado Portucalense, correspondendo aproximadamente ao território que constitui hoje o centro-norte de Portugal, entre os rios Mondego e Minho.

**Saiba mais! +**

A origem da língua portuguesa (Parte 1)

O português como idioma é originado do latim vulgar, uma variante do latim do clássico, introduzida na Península Ibérica através da dominação do Império Romano. O idioma passou por mudanças graduais e foi influenciado por diversas outras culturas, como a língua dos povos celtas que lá já habitavam, os invasores germânicos, bem como o árabe durante a ocupação moura.

Saiba mais! ✚

A origem da língua portuguesa (Parte 2)

Através dessas relações interlinguísticas surgiu a língua portuguesa na Idade Média e que por si só também é um idioma que passou por transformações conforme o tempo.

Henrique de Borgonha, Conde de Portucale e sua esposa, Teresa de Leão por António de Holanda (1480–1571) em *Genealogia dos Reis de Portugal* (1530-1534).

O Condado Portucalense tem seu nome derivado da cidade de Portucale que foi tomada do domínio mouro por Vímara Peres no ano de 868 e ele foi proclamado conde da região com sua descendência controlando a região até 1071 quando o último herdeiro dele, o conde Nuno Mendes, se revoltou contra o rei de Leão e foi morto em batalha, fazendo o condado ficar vago até ser entregue para D. Henrique de Borgonha, além disso, por seu desempenho também casou-se com D. Teresa, filha ilegítima o rei Afonso VI, os dois tiveram diversos filhos, dentre eles se destaca Afonso Henriques que mais tarde se tornaria o primeiro rei de Portugal, D. Afonso I (1112–1139).

Mapa que representa a Península Ibérica durante período medieval no final do século XI com o Condado de Portucale parte do Reino de Leão, reprodução de História por Divalte Garcia Figueira, encontrado em: https://www.todoestudo.com.br/historia/formacao-de-portugal (acesso em 01/06/2024).

Dessa forma, D. Afonso Henriques com o auxílio de nobres portucalenses se rebela contra a sua mãe e derrota o exército galego que apoiava D. Teresa no evento conhecido como Batalha de São Mamede que ocorreu no ano de 1127 na localidade que corresponde a cidade de Guimarães no norte de Portugal. Após isso, D. Afonso Henriques foi para o sul, se instalando na cidade Coimbra, a partir dessa cidade passou a dilatar as fronteiras do condado e continuar o conflito contra os mouros.

Um dos principais marcos foi a Batalha de Ourique em 1139 na qual venceu com um número muito menor de soldados, apesar dos detalhes exatos serem incertos após essa vitória ele passou a se intitular como rei, conduzindo mais campanhas militares contra os territórios muçulmanos, conquistando as cidades Santarém e Lisboa, essa última com a ajuda de cruzados.

Representação posterior de *D. Afonso Henriques venerando Nossa Senhora da Oliveira* e solicitando a protecção do reino, pintura por Frei Manuel dos Reis (1634–1699), atualmente no Museu de Alberto Sampaio.

Mapa que representa a Península Ibérica durante período medieval no século XII com o Reino de Portugal já formado, reprodução História de Divalte Garcia Figueira, encontrado em: https://www.todoestudo.com.br/historia/formacao-de-portugal (acesso em 01/06/2024).

Batalha de Ourique por António de Holanda (1480–1571) em Genealogia dos Reis de Portugal (1530-1534).

Em outubro de 1143 através do Tratado de Zammora, o rei de Leão e Castela, Afonso VII de Leão, primo de D. Afonso Henriques, ele foi formalmente reconhecido como rei, mas não garantiu a independência de Portugal, sendo isso assegurado em 1179 pela autoridade papel na bula Manifestis Probatum emitida pelo Papa Alexandre III, que declarou o Condado Portucalense independente do Reino de Leão, e D. Afonso Henriques, como o seu monarca.

Por suas façanhas de combate, D. Afonso Henriques passou a ser conhecido pelo título de “Afonso, o conquistador”, sendo responsável por mais que dupla o território do Condado Portucalense que herdara através de suas expansões militares. Vale ressaltar que em 1169 ele foi derrotado após tentar conquistar a cidade moura de Badajoz, ficando ferido na perna e por isso incapaz de montar a cavalo pelo resto da sua vida.

Ele faleceu em 1185 em Coimba com setenta seis anos, sendo considerado o fundador do Reino de Portugal e primeiro monarca da Dinastia de Borgonha que vai efetivamente governar o território luso até o final do século XIV, sendo sucedido por seu filho Sancho I de Portugal (1185-1211).

Como primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques vai se tornar um símbolo nacional luso, principalmente na posteridade. A Batalha de Ourique, por exemplo, vai criar a lenda do Milagre de Ourique, na qual Cristo teria aparecido em uma visão para o futuro rei para lhe garantir a vitória contra os mouros. Entretanto, essa narrativa foi criada apenas em 1419, em suma, 280 anos depois dos fatos terem ocorrido.

Estátua de bronze de D. Afonso, localizada na Colina Sagrada, em Guimarães, esculpido por Soares dos Reis (1847-1889), foto por Béria Lima de Rodríguez em 2010.

Mapa que representa a Península Ibérica durante período medieval no século XIII com Portugal já tendo o formato que se assemelha mais ao seu território atual, reprodução História de Divalte Garcia Figueira, encontrado em: https://www.todoestudo.com.br/historia (acesso em 01/06/2024).

Saiba mais! ✚

Por que os portugueses são também chamados de povo lusitano?

Ao longo desse paradidático chamamos o reino de Portugal também de reino luso, bem como os portugueses são referidos como lusitanos e temos a obra épica "Os Lusíadas" do século XVI de Luís Vaz de Camões cujo o título se refere a população de Portugal e exalta ao período conhecido como Grandes Navegações.

Mas porque isso? Está ligado ao fato que parte da antiga província romana Lusitânia na Península Ibérica corresponde a região que hoje se encontra Portugal. Por isso, os portugueses buscando uma reminiscência com a Antiguidade como forma de criar uma identidade, referem a si mesmos como Lusos ou Lusitanos.

## O Movimentos de Avis

Um dos momentos mais importantes da história medieval de Portugal é a chamada Crise dinástica de 1383–1385, também conhecido como Movimentos de Avis, marcado por uma série de conflitos no reino luso durante o final do século XIV e que acarretou no surgimento da Dinastia de Avis. Desde a sua fundação Portugal era governado pela Dinastia de Borgonha, através do rei D. Fernando (1369-1373), mas ele faleceu sem deixar herdeiros masculinos, assim, iniciou-se uma disputa pelo trono lusitano.

Antes de morrer, o rei luso resolveu casar a sua única filha, Beatriz de Portugal, na época com apenas dez anos, com o rei João I de Castela (1379-1390), que era viúvo e tinha quase trinta anos. Isso resultou no poder no poder ter que ser passado para o monarca castelhano ou para a viúva de D. Fernando, D. Leonor Teles. Isso acarretou em uma divergência interna no reino em relação a não ter presença de um rei ocupando o trono e, principalmente, o risco do domínio de Castela em Portugal

Ilustração do sepultamento de D. Fernando I de Portugal em *Chronique d' Angleterre* (Volume III) do final do século XV

No final do século XIV ainda não havia um sentimento de nacionalidade portuguesa constituído de forma concreta, por isso, a maior da nobreza lusa acabou apoiando D. João de Castela a assumir o trono de Portugal. Mas isso não significava que todos concordavam com isso, existiam diversos setores da sociedade lusitana que não aceitavam a dominação castelhana, como, por exemplo, os nobres secundogênitos (ver página 39), a burguesia em ascensão e grande parte da população, que resolveram apoiar outra figura a assumir o trono que ganhava destaque naquele momento, o nobre português D. João, o Mestre de Avis, que posteriormente seria conhecido como o rei D. João I de Portugal (1385-1433).

Ele era um irmão ilegítimo do falecido rei D. Fernando, pois ambos tinham o mesmo pai, o rei D. Pedro I de Portugal (1357-1367), mas normalmente não deveria ter acesso ao trono português por sua origem considerada bastarda. D. João era o Mestre da Ordem de São Bento de Avis, uma ordem religiosa-cavaleiresca de Portugal. Apoiado por parte considerável da população, uma classe média de burgueses, artesões, bem como filhos-secundogênitos de nobres em busca de cargos e terras, enfrentou o exército de Castela na disputa pelo trono luso.

Retrato de D. João I de Portugal (Início do século XV), artista anônimo, coleção do Museu Nacional de Arte Antiga

D. João de Castela resolveu invadir Portugal e tomar o trono aproveitando principalmente a crescente oposição contra a regência de Leonor Teles e do seu amante, o conde galego João Fernandes Andeiro. O Mestre de Avis se colocou contra os dois grupos, inclusive auxiliando na morte do Conde Andeiro e obrigando D. Leonor Teles a fugir, com ela unindo forças com Castela.

O conflito pode ser dividido em três fases principais, a primeira em janeiro até outubro de 1384 com as tropas castelhanas invadindo Portugal e alcançando Lisboa em um cerco que vai durar quatro meses, entretanto, as forças lusas de D. João de Avis conseguem os derrotar na Batalha dos Atoleiros na região de Alentejo no sul. A segunda fase vai ser de maio até outubro de 1385 com D. João de Castela invadindo novamente o reino lusitano para ser derrotado na Batalha de Aljubarrota, apesar dos portugueses terem um número inferior de tropas.

**Explicando mais!**

Não confunda os dois reis chamados “João”

Existiam dois reis em lados opostos do conflito da Crise dinástica de 1383–1385 e ambos eram chamados D. João, mas são pessoas diferentes, de reinos distintos e inimigos:

**D. João I de Portugal:** Irmão não legítimo do falecido rei D. Fernando de Portugal. Almejou e conseguiu tornar-se rei de Portugal combatendo o domínio de Castela. Tornou-se inimigo de D. João de Castela. Monarca do reino lusitano fundando a Dinastia de Avis que passou a governar o território com a derrota de Castela.]

**D. João I de Castela:** Casado com a filha do falecido rei D. Fernando de Portugal. Rei de Castela, almejava o trono de Portugal. Tornou-se inimigo de D. João de Avis. Perdeu para o exército luso durantes os eventos da Crise dinástica de 1383–1385, não conseguindo anexar o território português aos seus domínios.

Foi em 1385 que o Mestre de Avis se proclamou como regedor e defensor do reino e posteriormente no mesmo ano foi eleito monarca nas cortes de Coimbra sob o título de D. João I de Portugal. Por fim na terceira e última fase foi de julho até novembro de 1387 após as consecutivas derrotas de Castela através de um tratado formal entre Portugal com a Inglaterra, que apoiou os portugueses no conflito tendo em vista o contexto da Guerra dos Cem Anos (ver página 39) contra a França que apoiava Castela, na qual trouxe o João de Gante, duque de Lancastre, filho do rei inglês e que era candidatado a coroa castelhana, para a Península Ibérica.

Assim, a disputa pelo trono tornou-se mais “internacional”, com uma primeira trégua entre Castela e Portugal sendo assinada em 1387 até um tratado de paz ser formalmente assinado em 1432. D. João I, por sua vez, se casou com uma nobre inglesa, Filipa de Lancastre, filha de João de Gante, que se tornou rainha do reino luso. A vitória do Mestre de Avis significou a formação de uma nova dinastia, a Dinastia de Avis, bem com a ascensão de uma nova nobreza, considerando que a maior parte da antiga apoiou Castela.

João de Gante, pai de Filipa de Lencastre, se reúne com o Rei de Portugal, D. João I, ilustração por Jean Froissart (1337-1405).

Como forma de garantir uma legitimidade para o trono, considerando que D. João de Avis não era um filho legítimo, foram escritas muitas crônicas e obras literárias, como, por exemplo, A Crónica de D. João I de Portugal, por Fernão Lopes no século XV, que buscaram fortalecimento político simbólico através da Literatura. Nesse sentido, D. João I de Portugal recebeu o título também de “O rei da boa memória” por diversas obras escritas a seu respeito falando de forma positiva sobre o seu reinado.

Entretanto, outra figura essencial se destacou nesse período, o cavaleiro Nuno Álvares Pereira, que assumiu o comando das tropas militares de D. João de Avis e foi responsável por inúmeras vitórias portuguesas contra Castela. Sua forte religiosidade e o fato de nunca ter perdido lhe garantiu se tornar santo no século XXI.

A *Batalha de Aljubarrota* (Portugal contra Castela) por Jean d'Wavrin em *Chronique d'Angleterre* (1479/80).

**Para refletir!**

Movimento de Avis ou Revolução de Avis?

Talvez você já tenha ouvido falar da Crise dinástica de 1383–1385 sob o termo "Revolução de Avis" usado por alguns estudiosos, entretanto, preferimos utilizar o termo "Movimento de Avis" para falar a respeito desse evento histórico durante a produção desse material. O motivo disso é porque "Revolução" normalmente é usado para uma mudança radical socio-política-econômica da sociedade, como ocorre na Revolução Francesa que marca o fim do chamado Antigo Regime ou a Revolução Americana que marca a primeira república moderna. O que se sucedeu em Portugal foi um acontecimento histórico muito importante, mas se tratava mais de uma troca de dinastias no poder que uma transformação completa da sociedade ou do governo, não divergindo de forma tão impactante comparado ao regime anterior.

**Glossário**

**Luso:** Referente a português, derivado de Lusitânia
**Mouro:** Termo utilizado pelos europeus para designar a população muçulmana do Norte da África
**Guerra dos Cem Anos:** Termo utilizado para designar o conflito entre França e Inglaterra de 1337 até 1453, tendo determinados intervalos de tempo
**Reconquista:** Chamado também de Cruzada Ibérica, marca os conflitos entre os reinos cristãos e árabes pelos territórios da Península Ibérica durante a Idade Média
**Nobres secundogênitos:** Nobreza que era formada por nobres não primogênitos, portanto, não tinha direito a herdar terras e outras riquezas do pai.

# Nuno Álvares Pereira

Um dos personagens mais importantes do exército português durante o Movimentos de Avis foi o cavaleiro Nuno Álvares Pereira, um nobre luso que contrariando sua família que apoiava Castela, resolveu se unir a D. João de Portugal e se tornou seu principal comandante militar. Ele foi responsável pelas principais vitórias do exército português contra os castelhanos, apesar do número menor de soldados, nunca tendo perdido em batalha, e por suas façanhas recebeu o título de Condestável, a maior patente militar abaixo apenas do rei, e por sua religiosidade e espiritualidade tornou-se santo em 2009.

Gravura de Nuno Álvares Pereira em *A Crónica do Condestável de Portugal* datado do século XVI, artista desconhecido.

Nuno Álvares Pereira nasceu por volta de junho de 1360, mas a localidade e o dia exatos são debatidos até hoje. Na sua juventude a documentação da época afirma que ele era fascinado pelas narrativas do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, principalmente Galaaz. Ele se inspirava nesse cavaleiro literário, desejando possuir a castidade, pureza e dedicação religiosa do mesmo para ter grande façanhas de cavalaria como o personagem e conseguir proteger o reino de Portugal.

## Leitura medieval

*A Crónica do Condestável de Portugal*

*A Crónica do Condestável de Portugal* é uma obra escrita no século XV que conta a respeito da vida e façanhas de Nuno Álvares Pereira, sendo escrito por um autor anônimo pouco tempo depois da morte do cavaleiro luso. A crônica detalha a juventude do Condestável, como seus feitos deveriam ser imitados, como se inspirava na literatura arturiana, suas façanhas em combate, sua honra, seu papel no Movimento de Avis e principalmente sua forte religiosidade, sendo várias vezes aludido a sua “quase santidade” na época. Foi modernizada por Jaime Cortesão no século XX permitindo uma leitura mais compressível para os termos atuais e se tornou a principal fonte a respeito de Nuno Álvares Pereira.

Seu pai era Álvaro Gonçalves Pereira, o prior dos Hospitalários, e um cavaleiro que se destacava no contexto da época por ter servido três reis portugueses. Entretanto, Nuno Álvares Pereira era um filho ilegítimo, considerando que Álvaro Gonçalves deveria seguir um juramento de celibato clerical, tendo ele pelo menos trinta e dois filhos com diferentes mulheres. Sua mãe era Iria Gonçalves do Carvalhal, camareira de D. Beatriz de Portugal, e na qual teve também outros filhos com o prior além do Condestável.

Nuno Álvares Pereira não tinha desejo de se casar, pois preferia seguir uma vida religiosa e ser como Galaaz, se dedicando mais ao espiritual que ao material. Apesar do interesse de permanecer virgem e casto, sinal de pureza, como forma de demonstrar sua devoção a fé cristã, sua família foi contra isso e pressionou que ele se cassasse. Assim, mesmo contra a sua vontade, foi obrigado a se tornar marido de D. Leonor de Alvim, uma nobre viúva que garantiu um maior fundo financeiro para a família do cavaleiro. O casal teve três filhos, mas apenas D. Beatriz Pereira de Alvim conseguiu chegar até a idade adulta.

Durante a eclosão da Crise dinástica de 1383–1385, Nuno Álvares Pereira ficou ao lado do Mestre de Avis, tornando seu principal aliado e apoiador, mas tendo que entrar em batalha contra a sua própria família, parte da antiga nobreza portuguesa, que estava a favor de Castela. O cavaleiro luso se destacou como um exímio comandante militar, conseguindo liderar um número menor de sodados para vencer o maior número de combatentes do lado castelhano. Vale ressaltar que ele era parte da nobreza secundogênita, ou seja, não tinha direitos as terras herdadas pelos filhos primogênitos, e muitos apoiaram D. João de Avis devido a esse fator.

Reconhecido por nunca ter perdido nenhuma batalha e como o maior cavaleiro de Portugal, as vitórias de Nuno Álvares Pereira podem ser atribuídas ao apoio não apenas de outros reinos, como Inglaterra e seus arqueiros no contexto da Guerra de Cem Anos, mas também de organizar de forma mais consistente o exército em comparação as tropas castelhanas, utilizando-se, por exemplo, da estratégia de uso de infantaria contra Castela na Batalha dos Atoleiros, o primeiro embate que marca o Movimento de Avis, garantindo a vitória portuguesa no conflito.

## Se aprofundando nos estudos

Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, Senhor Feudal, Santo: Os três rostos do Condestável de João Gouveia Monteiro (2017) publicado pela editora Manuscrito.

Caso tenha interesse em aprender mais a respeito da figura de Nuno Álvares Pereira além do conteúdo apresentado, temos como recomendação a biografia Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, Senhor Feudal, Santo: Os três rostos do Condestável do professor português João Gouveia Monteiro de 2017 e publicado pela editora Manuscrito. A obra aprofunda de forma mais detalhada a respeito de todas as fontes e documentações a respeito do cavaleiro luso, bem como as três principais representações que constituem o Condestável.

No entanto, as vitórias de Nuno Álvares Pereira e o fato do cavaleiro ser imbatível em combate foram vistas também como um sinal de santidade e que Deus estava ao lado de Portugal na época. O Condestável era altamente religioso, constantemente orando e não permitindo que seus soldados praticassem apostas ou trouxessem mulheres para o exército para se relacionarem. Era também o responsável por conduzir as cerimônias religiosas e, como foi dito anteriormente, não queria se casar, pois buscava ter uma vida de celibato e castidade em nome da sua fé.

Assim, as vitórias portuguesas do cavaleiro luso foram vistas como milagrosas, tendo-se desde o período medieval a tentativa de Nuno Álvares Pereira ser canonizado. Isso pode ser notado na obra A Crónica do Condestável de Portugal, escrita no século XV por um autor anônimo pouco tempo depois da morte dele, que o destaca como um exemplo a ser seguido e que deveria ser imitado, bem como ele era “quase um santo” e “morreu com cheiro de santidade”.

A obra reflete principalmente como Nuno Álvares Pereira recebeu a missão divina por Deus de proteger o reino luso de Castela, bem como sua honra como um bom cristão e cavaleiro, por exemplo, auxiliando pessoalmente um idoso cego que não queria está com os castelhanos.

Apesar de ser descrito de forma incisiva a sua boa relação com D. João de Avis, tendo sido um dos pilares essenciais para ele está no trono atuando como seu comandante militar, Nuno Álvares Pereira e o monarca chegaram a entrar em conflito, pois o rei português buscou tomar de volta os territórios que havia concedido ao Condestável. O cavaleiro chegou até ameaçar se retirar do reino, mas a disputa foi resolvida com o casamento entre a filha de Nuno Álvares Pereira, D. Beatriz Pereira de Alvim, com D. Afonso, filho Bastardo de D. João de Avis, e mais tarde sua descendência resultaria na formação da Dinastia de Bragança que governaria Portugal após o fim da Dinastia de Avis, inclusive o território brasileiro.

Nuno Álvares Pereira não se casou novamente após a morte de sua esposa e de sua filha, dedicando os seus últimos momentos exclusivamente à vida religiosa. Ele ingressou na Ordem do Carmo em 1423, perdoando as dívidas, doando seus bens, permanecendo dedicado intensamente a fé cristã até 1431 quando ocorreu o seu falecimento. Após a sua morte, se criou uma tradição de milagres a respeito de seu sepultamento ou que eram proporcionadas por relíquias suas, tornando-se uma figura santa popular, apesar de não formalmente canonizado na época. Com base na documentação do período, é atribuído cerca de 221 milagres associados a ele.

O Rei D. Duarte I de Portugal (1433-1438), filho de D. João de Avis, nos textos laudatórios de Nuno Álvares Pereira argumentava a respeito de sua santidade e tentou que a Igreja aprovasse sua canonização, chegando a pagar promessa para o Condestável. Diante disso, desde o Medievo existe a tentativa de tornar o cavaleiro português um santo, isso repercutiu até a posterioridade, por exemplo, durante o Salazarismo, ditadura que durou de 1932 até 1968 em Portugal que tentou canonizar Nuno Álvares Pereira por associá-lo como símbolo do regime por ser militar, mas que não foi aceito pelo Papa Pio II pelas questões políticas envolvidas.

Estátua de Nuno Álvares Pereira de autoria do escultor Augusto Cid, inaugurada em novembro de 2016, localizado no Jardim Ducla Soares no topo da Avenida da Torre de Belém, fotografia por Câmara Municipal de Lisboa.

A beatificação de Nuno Álvares Pereira foi realizada apenas em 1918 pelo Papa Bento XV, enquanto, propriamente a santificação do cavaleiro português foi alcançada no dia 26 de abril de 2009 pelo Papa Bento XVI, com o cavaleiro sendo colocado como São Nuno de Santa Maria. Isso demonstra de forma direta como a representação de uma figura medieval do século XV pode perpassar pelas temporalidades até ter impactos durante o século XXI.

## E hoje em dia?

### Dom Sebastião

*Retrato do Rei D. Sebastião* datado de 1571 pelo pintor Cristóvão de Morais (1551–1571) localizado no Museu Nacional de Arte Antiga.

Buscar ser um cavaleiro casto e seguir uma vida celibatária inspirada em Galaaz como um modelo de Cavaleiro Cristão não é único de Nuno Álvares Pereira, o rei português Dom Sebastião I de Portugal também almejou ser casto para ser abençoado por Deus e ser imbatível em combate como Condestável e o cavaleiro arturiano. Entretanto, devido a isso, o monarca luso morreu na "Batalha de Alcácer Quibir" no Norte da África sem deixar herdeiros, tornando-se o último rei da Dinastia de Avis. Por seu corpo não ter sido encontrado, originou-se uma tradição que ele havia sobrevivido, o chamado Sebastianismo, inclusive isso pode ser visto até hoje no Nordeste brasileiro na qual existe a tradição na Ilha dos Lençóis no Maranhão, por exemplo, que ele está encantado sob a forma de touro e seus habitantes são descendentes do monarca, além disso, também tem um papel importante nas regiões de matriz africana da região.

# Hora de testar os conhecimentos!

Mapa que representa a Península Ibérica durante período medieval, reprodução de *História de Divalte* Garcia Figueira, encontrado em: https://www.todoestudo.com.br/historia (acesso em 01/06/2024).

1º) Com base no mapa acima e dos conteúdos discutidos ao longo do capítulo a respeito da formação de Portugal durante a Idade Média, avalie as alternativas abaixo e marque a opção mais de acordo:

A) A Península Ibérica passou por nenhuma mudança significativa durante toda a Idade Média, com suas fronteiras sendo estabelecidas do mesmo jeito moderno que está nos dias de hoje devido aos períodos de paz que a região passou e pelas intensas trocas comerciais de toda a Europa que passavam pelo seu território.

B) O processo de formação de Portugal se deu como o condado de Portucale no Reino de Leão para gradualmente se tornando um reino próprio e expandido seu território principalmente no contexto da Reconquista, dominando regiões anteriormente árabes na Península Ibérica e passando por transformações em suas fronteiras.

C) Portugal foi formado inicialmente como um domínio muçulmano na Península Ibérica e permaneceu como um território árabe por toda a Idade Média mesmo diante dos intensos conflitos contra os seus vizinhos reinos cristãos, como Castela, Leão e Aragão, apenas se tornando cristão no século XIX.

D) O mapa está completamente incorreto, pois demonstra que um dia o território que corresponde a Península Ibérica foi dominado por árabes, mas na realidade regiões como Portugal sempre foram de dominação cristã, nunca havendo um conflito com os muçulmanos no local, apenas nas Cruzadas no oriente médio.

E) O mapa demonstra o estado da Península Ibérica no contexto das invasões escandinavas que ocorreram na Antiguidade de povos vindouros dos atuais territórios da Dinamarca e Noruega que conquistaram a região contra a dominação assíria nativa, assim, influenciando diretamente para que o Reino de Portugal fosse formado.

2º) A respeito do evento histórico Crise dinástica de 1383–1385 ou chamado de Movimento de Avis, assinale a opção que mais corresponde aos acontecimentos que se sucederam durante esse período

A) Trata-se do processo de disputa pelo trono português na qual tropas castelhanas lideradas por D. João de Castela invadiram o reino de Portugal e foram derrotadas pelos apoiadores de D. João de Avis, tendo como aliado várias camadas da população e a nobreza secundogênita, acarretando na formação da Dinastia de Avis

B) Foi marcado pela invasão otomana na Península Ibérica liderada pelo sultão Samir Ibn-La'Ahad contra os reinos cristãos de Portugal, Leão, Aragão e Castela que tiveram que se unir contra um inimigo em comum, o tratado de paz sendo feito na cidade de Avis, assim, passando a ser chamado de Movimento de Avis

C) É o nome designado para o processo de disputa pelo trono de Castela na qual tropas portuguesas lideradas pelo rei D. Renato I de Tellus lutaram contra o exército castelhano, mas foram derrotadas, acarretando na formação da Dinastia de Avis e na anexação de Portugal com Castela.

D) Termo usada para nomear a batalha que ocorreu entre o rei da Itália Ricardo II contra o exército português liderados pela rainha Victória que ocorreu entre os anos 1383 e 1385, culminando em uma trégua entre os dois para lutar contra Castela, formando a Dinastia de Avis.

E) O Movimento de Avis é o evento histórico na qual o monarca D. João I de Castela invadiu Portugal e entrou em disputa contra o futuro rei Nuno Álvares Pereira que conseguiu assumir o trono luso com o auxílio da antiga nobreza, assim, formando a Dinastia de Avis.

3º) Leia e análise esses quatro trechos abaixo retirados da Crónica de Condestável de Portugal a respeito de Nuno Álvares Pereira para responder à questão.

"Ora ouvires, senhores, a história do melhor cavaleiro de Portugal, para que seus nobres feitos, como é razão, soem por todo o mundo e acordem quem os leia cobiça de os imitar"
(A Crónica do Condestável de Portugal, 1993. p. 15).

"Assim cresceu, andando a monte e à caça, sem entender em amor de mulheres, coisa que não lhe chegava ao coração. Tinha, sim, em grande gosto ouvir e ler livros de histórias, e, mais que nenhum, a de Galaaz e de Távola Redonda."
(A Crónica do Condestável, 1993, p. 20).

"E como ali soubesse que, por virtude de não casar, Galaaz lograra acabar tão grandes e notáveis feitos, desejava também ficar solteiro, pois via o seu rei ameaçado dos inimigos e sonhava livrá-lo com nobres façanhas de cavalaria."
(A Crónica do Condestável, 1993, p. 20).

"Entre estes, mais que nenhum, era Nun'Álvares. E como para os homens de grande devoção o dever é mandado divino, teve D. Nuno para si que salvar o reino do jugo de Castela era obra de Deus; e defender a sua terra foi em seu coração ponto de fé, inspiração do Alto." (A Crónica do Condestável de Portugal, 1993. p. 66).

Com base nos fragmentos da obra medieval acima percebe-se que Nuno Álvares Pereira, segundo a documentação era (prox. pág.):

A) Era caracterizado por sua brutalidade e sanguinolência em batalhas caracterizando-se por seu comportamento luxurioso e desrespeitoso, sendo alguém cujo os feitos deveriam ser repudiados e condenados.

B) Era uma figura completamente fictícia, um dos muitos cavaleiros da Távola Redonda que vieram do Ciclo Arturiano, sendo um personagem muito popular em Portugal apesar disso e tema de muitas narrativas a seu respeito.

C) Era um cavaleiro português caracterizado por sua forte devoção religiosa, sendo colocado como escolhido por Deus na documentação e como um modelo a seguir seguido, sendo fortemente influenciado pelo cavaleiro arturiano Galaaz.

D) Era o monarca responsável por fundar Portugal que após uma série de vitórias contra os mouros e castelhanos foi responsável pela formação da Dinastia de Bragança, assim, tornou-se um símbolo nacional português.

E) Era um cavaleiro castelhano responsável pela derrota de Portugal durante o Movimento de Avis, apesar disso, foi lembrado como um símbolo a ser seguido por sua religiosidade e por sua devoção, sendo alguém admirado pelos portugueses.

# CONCLUSÃO

Caro estudante e professor (a),

Durante o presente paradidático buscamos apresentar novas perspectivas a respeito da Idade Média, mas ainda há muito a se aprender sobre as temáticas apresentadas. Esperamos que durante a leitura vocês tenham gostado mais de conhecer a respeito dessa época e que tenham sido apresentados a uma nova perspectiva a respeito do Medievo. Todo o processo de produção desse material foi feito com bastante cuidado e carinho como forma de fazer você perceber os impactos que esse período ainda exerce nos dias de hoje, demonstrando, por exemplo, como podemos ver traços da Literatura da Idade Média na cultura atual e como isso influência nossas vidas na Contemporaneidade.

Nuno Álvares Pereira foi um cavaleiro medieval português, mas inspirado nas obras literárias da época tornou-se santo, sendo canonizado no século XXI. Cada vez mais almejamos que o conhecimento inspire os outros tal como o Condestável foi, assim, que isso sirva de porta de entrada para sua curiosidade, buscando novos conhecimentos ou se aprofundar mais no que foi apresentado, afinal, sempre se pode aprender mais a respeito da História e ampliar sua visão.

Ter consciência histórica, saber como o passado impacta sua vida hoje, é fundamental para qualquer ser humano, seja jovem ou adulto. Por isso, esperamos que esse Paradidático tenha contribuído para seu saber e como você compreende os eventos históricos, complementando os assuntos tratados em sala de aula e trazendo um pouco mais dos assuntos dos acadêmicos.

O Autor

## REFERÊNCIAS


**Crónica do condestável de Portugal D. Nuno Álvares Pereira** por autor anônimo do século XV. (Adaptação por Jaime Cortesão). Lisboa: Sá da Costa, 1972.

**A Demanda do Santo Graal**. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

CAMÊLO, Júlia Constança Pereira. Memória e identidade no nordeste brasileiro: o medievo na classificação de folhetos de cordel. In: ZIERER, Adriana. VIEIRA, Ana Lívia. ABRANTES, Elizabeth S. (Org.). **História Antiga e Medieval sonhos, mitos e herois: memória e Identidade.** 1ªed.São Luís: Editora Uema, 2015, v. 5, p. 243-252.

CARDINI, Franco. "O guerreiro e o cavaleiro". In LE GOFF, Jacques (dir). **O homem medieval**. Lisboa: Editorial presença, 1989.

DIAS, Paulo; FERREIRA, Diogo. **História de Portugal**. 1º edição. Lisboa: Verso de Kapa, 2016.

ECO, Umberto. Introdução à Idade Média. In: ECO, Umberto (dir.). **Idade Média - bárbaros, cristãos e muçulmanos.** Lisboa: D. Quixote, 2014, p. 04-27.

FARIA, Beatriz. Medievalismo e Neomediavalismo: As retraduções da Idade Média. In: CORDEIRO, Gabriel R.S; FONSECA, José Francisco; SANCHEZ, Marina Duarte; SILVA, Isabela Alves. (Org). **Idade Média e História Global**. São Paulo: Cátedra Digital, 2019. Págs. 21-38.

FRANCO JUNIOR, Hilário**. Idade Média: Nascimento do Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. **O feudalismo**. São Paulo: Editora Brasilienses S. A., 1983.

FERNANDES, Fátima. A construção da sociedade política de Avis à luz da trajetória de Nuno Álvares Pereira. In: **VI JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE ESTUDOS MEDIEVAIS. A Guerra e a Sociedade na Idade Média** (2008). Actas. Campo Militar de S. Jorge/Porto de Mós/Alcobaça/Batalha, 2009, p. 421- 446.

FERRETI, Sérgio. Encantaria maranhense de D. Sebastião. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 1, n. 1, p.262-285, 2013. Disponível em:

http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/19. Acesso em: 21 março de 2024.

FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

GAMA, Orlando Miguel Pina Gonçalves Martins da. **Da Lusitânia a Portugal. Concepções do Espaço e do Poder da Antiguidade Clássica à Tradição Humanista.** 2019. Teste (Doutorado em História). Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

LE GOFF, Jacques; SCHLEGEL, Jean-Louis. **A Idade Média: explicado aos meus filhos**. homem Rio de Janeiro: Agir, 2007.

_____. **Em busca da Idade Média: conversas com Jean-Maurice de Montremy.** Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

_____. **História e Memória.** São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.

_____. **O Homem medieval.** Lisboa: Editorial presença, 1989.

_____. **O Imaginário Medieval.** Lisboa: Estampa, 1994.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 109-125.

_____. Sobre a Idade Média residual no Brasil. In: MACEDO, José Rivair. (Org.). **A Idade Média portuguesa e o Brasil: reminiscência, transformações, ressignificações.** 1ª ed. Porto Alegre: Vidráguas, 2011. Págs. 9-20.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. Ainda sobre Nun'Álvares Pereira e o ideal de cavalaria. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Org). **De Cavaleiros e Cavalarias: por terras de Europa e Américas.** São Paulo: Humanitas, 2012, p. 441-454 Disponível em: <http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/441-454.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

MELO, Pedro Antonio Gomes de. **História externa da Língua portuguesa: do Latim ao Português.** DLCV, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1.

MENDONÇA, Manuela. **Introdução à História medieval de Portugal**. OPSIS, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 142–155, 2010.

MONTEIRO, João Gouveia. **Nuno Álvares Pereira - Guerreiro, senhor feudal e santo: os Três Rostos do Condestável**. Lisboa: Manuscrito, 2018.

MARQUES. A.H. de Oliveira. **História de Portugal**; Lisboa, Ed. Palas, 1980. Vol. 1.

SARAIVA, António José. **O Crepúsculo da Idade Média em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 1988.

VENTURA, Margarida Garcez. Uma Lâmpada de Prata e Muito Mais: Testemunhos de D. Duarte sobre a Santidade de Nuno Álvares Pereira. **Revista Portuguesa de História do Livro**, Lisboa, Ano XIV, v. 27, p. 243-271, 2011

ZIERER, Adriana. Artur: de guerreiro a rei cristão nas fontes medievais latinas e célticas. **Brathair,** 2002, v.2, n. 1, p. 44-61. ISSN: 1519-9053. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/665>. Acesso em: 04 de abril de 2024.

_____. D. Nuno e Galaaz: santos e heróis na História e no Imaginário. In: REIS, Jaime Estevão dos. (Org.). **A Idade Média em Debate: estudo das fontes**. Curitiba: CRV, 2019, p. 15-32.

_____. O mito arturiano e sua cristianização nos séculos XII e XIII. In: ID. **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal: uma outra Viagem pela Idade Média.** São Luís: Editora UEMA, 2013, p. 155-177.

_____. O Rei Artur e sua apropriação na longa duração, do Rei Afonso III de Portugal a D. Sebastião, o Desejado. In: **Graphos**, João Pessoa, (UFPB), v. 17, p. 74-90, 2016.

_____. **Uma Viagem pela Idade Média**. São Luís: Ed. UEMA/Apoio Fapema, 2010, p. 19-33.

_____. Virtudes e Vícios dos Cavaleiros n' A Demanda do Santo Graal. In: MONGELLI, Márcia (Org.). **De Cavaleiros e Cavalarias. Por terras de Europa e Américas.** São Paulo: Humanitas, 2012, p. 37-47